

Pessoas trans na pós-graduação argentina: discussões iniciais para um estado do conhecimento

ARTIGO

João Sol Ávila Mendonçaⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Avelino Aldo de Lima Netoⁱⁱ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Azemar dos Santos Soares Júniorⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Resumo

Este artigo investiga as experiências de pessoas trans pretas, pardas e indígenas (PPI) no ensino superior argentino. O objetivo geral é mapear e discutir a produção acadêmica existente, identificando avanços e lacunas, sobretudo quanto a estudos interseccionais sobre pessoas trans PPI na pós-graduação. Fundamenta-se em Paul Preciado (2017; 2019), Letícia Nascimento (2021) e Jack Halberstam (2020), que compreendem a transexualidade como dissidência de gênero. A análise adota a perspectiva interseccional de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), considerando a articulação entre gênero, raça e outros marcadores sociais. Trata-se de pesquisa bibliográfica, exploratória, com abordagem quali-quantitativa. O *corpus* foi constituído no repositório do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET), utilizando os descritores *persona trans* e *posgrado*, resultando em quatro publicações entre 2021 e 2024. Os achados indicam que as investigações sobre o tema são incipientes, reforçando a necessidade de ampliar a produção científica.

Palavras-chave: Pessoas Trans. Pós-graduação. Estado do Conhecimento.

Trans People in Argentine Graduate Studies: Initial Discussions for a State of the Knowledge

Abstract

This article investigates the experiences of Black and Indigenous trans people in Argentine Higher Education. The objective is to map and discuss the academic production, identifying advances and gaps, especially about intersectional studies. The study is anchored in Paul Preciado (2017; 2019), Letícia Nascimento (2021), and Jack Halberstam (2020), who understand trans identities as forms of gender dissidence. The analysis also draws on Patricia Hill Collins and Sirma Bilge's (2020) intersectional perspective, which considers the articulation of gender, race, and other social markers. Methodologically, it is a bibliographic, exploratory research with qualitative and quantitative approaches. The *corpus* was built from the repository of the *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas*

(CONICET), using the descriptors *persona trans* and *posgrado*, resulting in four publications between 2021 and 2024. The findings indicate that research on this topic remains incipient, reinforcing the need to expand scientific production.

Keywords: Trans People. Postgraduate. State of Knowledge.

1 Introdução

2

Esse artigo integra as atividades do projeto de pesquisa intitulado *Pessoas trans pretas, pardas e indígenas na pós-graduação stricto sensu: histórias de acesso, permanência e êxito*, financiado pelo Edital nº 16/2023 do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O projeto, que começou a ser desenvolvido no ano de 2024, propõe-se a realizar o primeiro mapeamento nacional sobre a presença da população transexual preta, parda e indígena (PPI) em cursos de mestrado e doutorado, tendo como intuito compreender as estratégias adotadas por essas pessoas para acessar, permanecer e obter êxito na pós-graduação.

O estudo, feito em parceria com a *Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires* (Filo UBA, Argentina), pretende dialogar com a realidade argentina, a que serve o presente artigo. Portanto, o objetivo é mapear e discutir a produção acadêmica da Argentina em relação ao acesso e presença da população trans no ensino superior, identificando avanços e lacunas, sobretudo quanto aos estudos interseccionais sobre pessoas trans PPI na pós-graduação. A partir desse recorte, problematiza-se até que ponto as políticas e práticas institucionais existentes, mesmo em contextos legalmente progressistas como o argentino, são suficientes para mitigar as barreiras estruturais e simbólicas enfrentadas por pessoas trans racializadas.

Consideramos que os marcadores “trans” e “PPI” expõem os sujeitos a contextos de vulnerabilidade que podem interferir nas trajetórias acadêmicas destas pessoas na pós-graduação. Os dados coletados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) demonstram que cerca de 78% das pessoas trans vítimas de assassinato no Brasil entre os anos de 2017 a 2024 eram negras (pretas e pardas), enquanto 21%

eram brancas e 1% indígenas ou amarelas (Benevides, 2025). Esses índices demonstram existir fatores de desigualdade racial e racismo agregados à transfobia, o que nos provoca a pensar sobre estratégias de enfrentamento a essas violências de modo a garantir maior qualidade de vida às pessoas trans PPI no Brasil e no mundo.

A Argentina se destaca por seus avanços no reconhecimento dos direitos da população trans, especialmente com a Lei de Identidade de Gênero (Lei nº 26.743/2012), que inspira outras nações latino-americanas na luta pela dignidade do grupo em foco. Conforme María Dellacasa (2023), esse marco legal permitiu a autodeterminação de gênero sem necessidade de diagnósticos médicos ou autorizações judiciais. No entanto, permanecem desafios como as barreiras no acesso à saúde, à educação e ao mundo do trabalho. A discriminação ainda reflete uma lacuna entre os direitos garantidos legalmente e sua efetiva aplicação no cotidiano, o que evidencia a necessidade de esforços contínuos e o aprofundamento do aporte teórico.

É significativo desenvolver um levantamento da presença de estudos prévios na Argentina a respeito da população trans PPI pós-graduanda, levando em consideração que investigar essa temática em um país com alguns avanços em relação aos direitos da população trans consistiria em uma contribuição para o campo epistemológico da educação e dos estudos transgênero no Brasil. É de suma relevância o fortalecimento das redes de pesquisa latino-americanas e a valorização dos conhecimentos produzidos no Sul global.

A presente pesquisa está estruturada em quatro seções principais. Em um primeiro momento, discorreremos acerca das nossas compreensões teóricas das categorias trabalhadas, abordando também a interseccionalidade e os desafios das populações trans racializadas no ensino superior. Em seguida, detalhamos a metodologia empregada para a realização do estado de conhecimento. Posteriormente, discutimos os resultados obtidos, e, por fim, as considerações finais que sintetizam os achados e sugerem direções para a continuidade do projeto do qual este artigo é um dos produtos.

2 Fundamentação Teórica

Ao abordar a transexualidade, torna-se necessário delimitar o que entendemos por "pessoa trans", noção basilar para o desenvolvimento do texto. Assumimos como referência o filósofo Paul Preciado (2019), teórico e ativista trans, para quem a transexualidade é uma dissidência do sistema sexo/gênero, uma construção do corpo que se distancia dos rituais de normalidade e sinaliza a multiplicidade da vida. Preciado (2017, p. 23), partindo de suas leituras de Teresa de Lauretis, elabora a noção de que sexo e gênero são “dispositivos inscritos em um sistema tecnológico complexo”, ou seja, seriam tecnologias humanas e não destinos “naturais” do corpo. O sexo pode ser desnaturalizado à medida que inúmeras tecnologias, como roupas e cortes de cabelo, servem para a identificação sexual dos seres humanos em sociedade, tornando obsoleta a observação genital em muitos momentos.

As pessoas trans são aquelas que, definidas com um sexo no nascimento (feminino ou masculino), passam por um processo de desidentificação (total ou parcial) com o entendimento do que é aquele sexo/gênero na sociedade. A respeito das diferentes nomenclaturas para designar estas pessoas, a transfeminista Letícia Nascimento (2021) salienta que a palavra "trans" serve para abarcar as identidades dissidentes, incluindo mulheres e homens transexuais, transgêneros, transmasculinos, travestis e não-binários. Alguns posicionamentos políticos, como o adotado por Nascimento (2021), reforçam a identidade travesti ao conferir-lhe visibilidade fora do termo “guarda-chuva”, em decorrência da alta marginalização desse grupo na sociedade. Para fins deste estado do conhecimento, privilegiamos uma ideia ampla das transidentidades, sem referências à parte.

Isso posto, no decorrer do artigo são utilizados termos como “pessoas trans” e “população trans” ao fazer referência aos sujeitos da transexualidade e suas “possibilidades de novas estilísticas da existência” (Peixe; Morelli, 2018, p. 415). O termo “transexualismo”, pelo contrário, foi descartado por sua conotação pejorativa e patologizante. Como explica André Oliveira (2020, p. 19), “classificar a transexualidade como ‘transexualismo’ [...] não é apenas um ato de codificar uma patologia. É a norma

heterossexual atuando”. Noções como as de transexualidade ou transgeneridade, de outra forma, promovem uma maior garantia de tratamento ético a nível discursivo.

Nossa pesquisa, ao agregar as questões das pessoas PPI, observa as trajetórias de pessoas trans em uma perspectiva interseccional, considerando marcadores sociais da diferença que excedem a questão de gênero. Conforme as sociólogas Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), essa abordagem analítica investiga as relações de poder em sociedades marcadas pela diversidade, o que demonstra que categorias como gênero, raça, orientação sexual e etnia estão inter-relacionadas nas experiências humanas. Como resultado desse entendimento, o debate interseccional que empreendemos entrelaça as questões raciais e de gênero, adicionando ainda a dimensão acadêmica, pois buscamos observar a inserção dessa população na pós-graduação *stricto sensu*.

A pesquisadora italiana Teresa de Lauretis (1994) destaca que o poder, apesar de ser produtivo, não necessariamente tem efeitos positivos, podendo resultar em opressões violentas a determinados grupos. De acordo com a autora, a construção do gênero se dá em relações de poder nos discursos institucionais e nas tecnologias do gênero. No entanto, também podemos construir gêneros marginais fora do contrato heterossexual, com efeito de resistência às normas opressoras. A estadunidense Donna Haraway (1991), por seu turno, afirma serem os discursos científicos importantes instrumentos de imposição de significados, que estão em constante mutação. Dessa forma, tanto Lauretis quanto Haraway evidenciam que os discursos de gênero não apenas regulam e normatizam identidades, mas também abrem possibilidades de contestação e reinscrição de sentidos no corpo, uma dinâmica presente nas instituições da sociedade, inclusive, nas universidades.

Para discutir as trajetórias de pessoas trans na educação superior, é justo considerar não apenas as barreiras institucionais comumente impostas pelo sistema acadêmico, marcado por uma cultura de acesso limitado. Faz-se relevante analisar outros atravessamentos que influenciam essas experiências, já que discursos transfóbicos, racistas, coloniais e classistas não estão apartados das instituições de ensino superior (IES). O pensamento interseccional, nesta instância, auxilia para o desenvolvimento de

uma análise que pondera sobre os problemas da exclusão dos corpos trans PPI. Collins e Bilge (2020) afirmam que, mesmo com um crescente número de estudantes distantes da branquitude e da cisgeneridade que adentram as IES, as relações de poder implicadas nas relações sociais ainda impactam negativamente na construção de um espaço mais equitativo.

O teórico *queer* Jack Halberstam (2020), ao dissertar acerca das estruturas acadêmicas, indica que elas frequentemente privilegiam trajetórias de vida alinhadas à normatividade cisgênera, heterossexual, branca e eurocêntrica, e excluem as subjetividades dissidentes desses moldes. Assim, perante a norma, pessoas trans PPI seriam corpos fracassados, o que não significa, necessariamente, que são desqualificados para a produção de saberes. Michel Foucault (2005, p. 12), no curso intitulado “Em defesa da sociedade”, ministrado no *Collège de France* em 1976, afirma ser importante estimular os “saberes sujeitos”, aqueles historicamente desqualificados e considerados hierarquicamente inferiores, para que se fomente uma ruptura crítica com as estruturas hegemônicas perpetuadas na academia.

3 Metodologia

Em relação aos caminhos traçados pela pesquisa, indicamos que este texto está situado nos paradigmas qualitativo e quantitativo e possui natureza exploratória. De acordo com Antônio Gil (2017), essa abordagem metodológica busca gerar familiaridade com uma determinada temática, possibilitando o reconhecimento da produção científica e o aprofundamento nos problemas pesquisados para os trabalhos desenvolvidos posteriormente.

Para além, o artigo é classificado como um “estado do conhecimento” ou “estado da arte” que, segundo Norma Ferreira (2002), contempla os estudos de caráter bibliográfico cujos desafios estão no mapeamento e problematização da produção acadêmica em diferentes campos, para que seja possível inventariar, sistematizar e descrever quais aspectos têm sido destacados e priorizados na literatura em um

determinado período de tempo. Buscamos pelos materiais publicados entre os anos de 2014 e 2024, por considerarmos relevante a reunião de pesquisas mais recentes em torno da temática.

O corpus do estudo foi constituído a partir do banco de dados do repositório institucional do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET), uma plataforma do governo argentino de acesso livre e gratuito que disponibiliza pesquisas desenvolvidas no país. Optamos por essa plataforma em razão de sua relevância no país, sendo o CONICET a principal organização nacional argentina de promoção à ciência. A consulta passou por dissertações, teses, capítulos de livro e artigos científicos, e foram utilizados os descritores *persona trans + posgrado*, entendendo estes termos como a tradução para língua espanhola dos descritores “pessoa trans” e “pós-graduação”.

Identificamos as produções disponíveis no repositório através do cruzamento entre os descritores indicados. Em seguida, selecionamos os trabalhos que cabiam no escopo da nossa pesquisa, visto que os resultados foram múltiplos e abarcaram pesquisas que não condiziam com o objetivo da busca. Os critérios de inclusão consideraram produções que abordassem diretamente a temática trans articulada às questões de ingresso e permanência no ensino superior. Por outro lado, foram excluídas pesquisas que tratassem das identidades trans sem considerar intersecções com a universidade.

A última etapa contou com a organização dos dados coletados. Para isso, construímos uma tabela utilizando a ferramenta virtual gratuita “Planilhas Google”, que permite a criação, visualização, edição e análise de dados a partir de planilhas, tabelas e gráficos dinâmicos. Nela, registramos os nomes dos autores, título, endereço eletrônico para acesso ao texto, ano de publicação, tipo de produção (artigo científico ou capítulo de livro), palavras-chave, abordagem, objetivos e resumo dos trabalhos selecionados.

3 Resultados e Discussão

Ao iniciarmos a busca no repositório, incluímos descritores relacionados à etnia (*afrodescendiente, negro, indígenas, pueblos originarios*). Entretanto, para garantir a continuidade da pesquisa, tais termos foram descartados devido à ausência de resultados que articulassem com a questão trans universitária. Também procuramos por palavras-chave que possibilitassem a maior quantidade possível de pesquisas sobre pessoas trans, testando os termos “*transgénero*” e “*transexual*”, sem sucesso. A variação nos termos utilizados para se referir às pessoas trans se justifica pela inconsistência no uso das categorias que englobam essa população, dada a grande diversidade de identidades abarcadas pelo termo guarda-chuva “trans”, algo apontado anteriormente. Por isso, preferimos uma abordagem mais ampla antes de definir o uso de “*persona trans*”. A seguir, apresentamos o corpus da pesquisa, composto pelos trabalhos selecionados:

Quadro 1: Resultado da busca no Repositório Institucional do CONICET

Produções científicas sobre pessoas trans no Ensino Superior na Argentina				
Autoria	Ano	Tipo de produção	Título	Palavras-chave
NEWTON, Camila.	2024	Artigo	<i>Travestis y trans en la universidad: conquistas y desafíos institucionales (2020-2021)</i>	<i>Travestis y Trans; Itinerarios biográficos; Universidades</i>
GODOY, Gabriel Cesar; ALLER, Camila Dordoni; BROZ, Mariana Álvarez.	2021	Capítulo de livro	<i>Experiencias trans en el ámbito universitario</i>	<i>Sociabilidad; violencias; erotismos; universidad</i>
BOY, Martín Guillermo; RODRIGUEZ, Maria Florencia; NEER, Anahí Farji; NEWTON, Camila.	2021	Capítulo de livro	<i>Lo que las Jornadas nos dejaron: saberes, cuerpos y territorios en tensión</i>	<i>Travestis y Trans; Conurbano Bonaerense; Territorio; Universidad</i>
BLANCO, Rafael.	2021	Capítulo de livro	<i>Territorios del saber y espacio universitario: apuestas y límites de la cis-academia</i>	<i>Saberes; Cis; Género; Universidad</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

O Quadro 01 indica que, entre os quatro achados — um artigo e três capítulos de livro —, todos foram publicados nos últimos cinco anos, isto é, em um curto período de tempo. A autoria dos textos tem oito pessoas distintas e destacamos que Camila Newton figura enquanto única autora presente mais de uma vez na amostra. A cientista social é responsável pelo *artigo Travestis y trans en la universidad: conquistas y desafíos institucionales* (2020-2021), de autoria individual, e é coautora do *capítulo Lo que las Jornadas nos dejaron: saberes, cuerpos y territorios en tensión*.

Conforme observado no perfil de Newton no sítio do CONICET, suas pesquisas orbitam em torno das temáticas de gênero. Especificamente, ela se dedica a compreender as estratégias de produção de vida desenvolvidas por pessoas trans na região noroeste da grande Buenos Aires, o que inclui o exercício da vida universitária, conforme os temas dos trabalhos que encontramos. Em seu artigo de 2024, ela relata que a presença da população trans nas universidades argentinas é uma conquista recente e pouco documentada.

Entre os capítulos de livro selecionados, *Territorios del saber y espacio universitario: apuestas y límites de la cis-academia* e *Lo que las Jornadas nos dejaron: saberes, cuerpos y territorios en tensión* fazem parte da mesma obra, intitulada *Experiencias Travestis y Trans: diálogos entre la organización colectiva, el territorio y la universidad*. Enquanto isso, o *capítulo Experiencias trans en el ámbito universitario* integra o livro *Sociabilidad, violencias y erotismos en el ámbito universitario*. Julgamos importante ressaltar que os dois livros foram publicados por editoras universitárias em 2021. Os dois livros resultam de pesquisas desenvolvidas, respectivamente, na *Universidad Nacional de General San Martín* (UNSAM) e na *Universidad Nacional de José Clemente Paz* (UNPAZ), instituições públicas situadas na região metropolitana buenairense. O artigo escrito por Newton (2024) faz parte de sua pesquisa de mestrado desenvolvida, também, na UNPAZ.

O fato de todas as produções estarem situadas em universidades públicas da grande Buenos Aires sugere que existe uma concentração das investigações sobre experiências trans nessas instituições, possivelmente refletindo um compromisso com pautas de gênero e sexualidade. A ausência de estudos provenientes de outras regiões

da Argentina nos indica que há uma falta de distribuição geográfica dessas investigações, e o perfil recente das publicações (2021 e 2024) manifesta um caráter incipiente na discussão sobre a presença trans no meio universitário. Contudo, a amostra de achados é pequena para fazermos inferências de natureza estatística, o que implica em uma fragilidade nas afirmações.

A relação entre pautas sociais e a academia também se destaca, uma vez que as duas universidades desenvolvem debates sobre a diversidade humana, especialmente em questões de gênero. A título de exemplificação, a UNSAM possui uma *Dirección de Género y Diversidad Sexual* (DGyDS), responsável por gerar e participar de atividades na temática, além de ofertar um curso de *Políticas de Género y Diversidad Sexual con perspectiva de Derechos Humanos*. Por sua vez, a UNPAZ abriga o *Instituto de Estudios Sociales en Contextos de Desigualdades* (IESCODE/UNPAZ), que concentra programas de promoção à equidade e projetos de pesquisa dedicados à área do gênero e da sexualidade. Isso pode ser parcialmente explicado pelas mudanças institucionais que surgiram junto à Lei de Identidade de Gênero e são voltadas para a inclusão de pessoas trans nos diferentes lugares.

Ademais, existe uma lacuna na produção acadêmica sobre a população trans negra e indígena e sobre pessoas trans na pós-graduação, visto que os trabalhos encontrados traziam a realidade da graduação ou da universidade enquanto instituição. Não foram encontrados estudos que abordassem, especificamente, as interseccionalidades pretendidas nesta pesquisa. Esse silenciamento pode ser compreendido a partir de condições estruturais da academia que, historicamente, exclui grupos minoritários e marginalizados. Segundo Foucault (2005), devem ser combatidos os discursos englobadores, totalizantes, que permitiram a produção de uma história enviesada e acrítica. Tal perspectiva endossa o quão desafiadora é a falta de pesquisas interseccionais no banco de dados argentino, pois dificulta a legitimação dos saberes sujeitos.

O último censo apresentado pelo *Instituto Nacional de Estadística y Censos* (INDEC), referente ao ano de 2022, apresenta as populações indígena e afrodescendente

(*población indígena e población afrodescendiente*, no idioma original) em capítulos específicos no documento, sem que haja a mesma separação destinada à população branca, o que denota certo caráter discriminatório na própria produção do censo. São estimadas 1.306.730 pessoas indígenas e 302.936 afrodescendentes, de um total de 45.892.285 argentinos (INDEC, 2025); em outras palavras, aproximadamente 3,5% da população, uma porcentagem pequena frente aos 96,5% de brancos. Isso torna a comunidade trans PPI, que engloba um número ainda menor de pessoas, facilmente escanteada na produção científica, dado o nível de especificidade. No entanto, não podemos deixar de reforçar que esses números, para além de algarismos, representam vidas cujos direitos são constantemente violados.

O artigo de Camila Newton (2024), *Travestis y Trans en la Universidad: Conquistas y Desafíos Institucionales (2020-2021)*, explora as experiências de mulheres travestis e trans que ingressaram na universidade na Argentina, com base em entrevistas realizadas durante seu mestrado. O estudo focou no impacto da Lei de Identidade de Gênero como ponto crucial nas vidas das entrevistadas, particularmente no acesso à educação superior. Newton (2024) apontou para a necessidade de instituições mais inclusivas para receber pessoas trans, pois as entrevistadas não se sentiam respeitadas nesses espaços. Também ressaltou a importância de construir confiança institucional a partir da partilha de memórias e vivências da comunidade trans.

Enquanto isso, o estudo realizado por Gabriel Cesar Godoy, Camila Dordoni Aller, e Mariana Álvarez Broz (2021) analisou a inserção e adaptação acadêmica de pessoas trans, destacando a estigmatização e os desafios vivenciados nas interações sociais e administrativas universitárias. A pesquisa também explorou as condições materiais de vida da população trans, indicando que estão relacionadas às barreiras no acesso e permanência no Ensino Superior. Assim como Newton (2024), os autores sugeriram a necessidade de políticas institucionais e estratégias pedagógicas, mas que estas precisariam estar além do respeito à identidade de gênero e considerar as vulnerabilidades socioeducativas e os saberes próprios dessa população.

No caso do texto *Lo que las Jornadas nos dejaron: saberes, cuerpos y territorios en tensión*, os autores enfatizaram a importância da universidade em abordar questões sobre os corpos trans, algo que relataram ter vivenciado em um evento científico na UNPAZ. A responsabilidade das pessoas cisgênero em dismantelar as lógicas de opressão também foi pontuada, deixando de lado a ideia de que apenas pessoas trans carregam o dever de defender suas identidades. A publicação contou com contribuições de diversos membros da comunidade trans, visando a democratização do conhecimento e a promoção da inclusão social trans no contexto acadêmico bonaerense.

O quarto e último capítulo aqui trazido, de Rafael Blanco (2021), critica o que ele chamou de "cis-academia", argumentando que, apesar do avanço das perspectivas de gênero nas universidades argentinas, algo que ele ilustra com a iniciativa de banheiros sem distinção sexual, ainda existem limitações significativas na inclusão e acessibilidade para pessoas trans, que não se sentem pertencentes ao ensino superior. Segundo o autor, a academia, institucionalmente cisgênero, não dispõe de recursos que impactem suficientemente na vida da população trans universitária para que seus saberes sejam devidamente valorizados e cultivados.

Assim, as pesquisas que encontramos retratam esse cenário de sub-representatividade e desvalorização dos corpos e experiências trans nas universidades argentinas. Os quatro achados expostos no Quadro 01 apontam que o ensino superior reproduz exclusões cisnormativas e que, portanto, os corpos dissidentes de gênero desafiam fronteiras institucionais e epistêmicas. Nesse sentido, para que possam acessar e permanecer nas universidades, os trabalhos sinalizam que as pessoas trans têm elaborado estratégias de resistência próprias, como a exigência do cumprimento da Lei de Identidade de Gênero, a valorização das epistemologias trans e dos conhecimentos advindos de suas trajetórias, além da descentralização e desierarquização dos saberes por meio de práticas pedagógicas mais inclusivas. Essas estratégias só são possíveis em colaboração com os demais, sendo necessário que a cisgeneridade revise as estruturas cisnormativas que regem a universidade.

5 Considerações finais

A consulta ao repositório institucional do CONICET nos proporcionou uma amostra das discussões acadêmicas que vêm se desenhando na Argentina acerca da educação de pessoas trans. Pudemos acessar quatro produções, sendo um artigo e três capítulos de livro, que tinham por interesse a população trans e sua presença nas universidades. Além disso, identificamos que o cenário legislativo favorável à capacitação profissional de pessoas trans não implicou em um maior desenvolvimento de pesquisas sobre as experiências trans no Ensino Superior. Além do pequeno número encontrado, elas se restringem ao contexto da graduação, sem que exista uma preocupação explícita com a pós-graduação.

As investigações argentinas acerca da temática trans universitária ainda estão em estágio inicial, com avanços concentrados em centros de pesquisa de universidades públicas da região metropolitana da cidade de Buenos Aires. A localização das produções nesses espaços e sua atualidade sugere, de certo modo, que existe um compromisso crescente com pautas trans nos grandes centros urbanos, mas também revela uma lacuna significativa na representação geográfica dessas investigações. A ausência de estudos sobre pessoas trans negras e indígenas, bem como de pesquisas voltadas para a realidade da pós-graduação, indica um campo em aberto para aprofundamento. Pesquisas desenvolvidas em zonas com maior concentração de povos indígenas, por exemplo, poderiam resultar em uma amostragem de pessoas trans PPI no ensino superior.

As pesquisas identificadas evidenciaram que, apesar das conquistas e avanços promovidos por políticas afirmativas, como a Lei de Identidade de Gênero de 2012, as universidades ainda reproduzem práticas cisnormativas e excludentes que geram desconfortos nos corpos trans, dificultando a permanência. A resistência das pessoas trans, que elaboram estratégias para continuar os estudos, demonstra a urgência de uma revisão das estruturas acadêmicas, visando a criação de espaços mais inclusivos e que, de fato, saibam valorizar a presença trans em seu potencial de construção de saberes na academia. A busca por epistemologias trans e pela valorização de conhecimentos que

ultrapassam os muros universitários aponta para a necessidade de transformação profunda nos processos pedagógicos e nos métodos de ensino, questões que favoreceriam não somente a presença das pessoas trans, mas de muitos outros sujeitos marginalizados e excluídos das universidades.

É valoroso reconhecer que as discussões sobre a diversidade de gênero no âmbito acadêmico são fundamentais para a promoção da equidade. As limitações da produção acadêmica atual, associadas à sub-representação de grupos historicamente silenciados, como a população trans PPI, precisam ser superadas para garantir a ampliação destes debates. As universidades possuem um papel de transformação social muito forte e o livre acesso às instituições argentinas é contrastado pelos déficits no auxílio à permanência dos estudantes. O aumento no número de estudos que garantam os princípios da interseccionalidade como guias para pensar a sociedade e a inclusão de vozes diversas, de vozes trans, como sujeitos ativos na construção de conhecimentos, é um caminho viável frente às repressões racistas e transfóbicas perpetuadas nas mais distintas instituições.

Por fim, destacamos que a internacionalização de conhecimentos latino-americanos sobre as experiências de pessoas trans no ensino superior tem um papel significativo no fortalecimento dos debates sobre inclusão e diversidade. A pesquisa realizada no contexto argentino dialoga com avanços legislativos e sociais percebidos no país, mas também ressalta as dificuldades existentes na produção científica sobre a realidade de pessoas trans PPI, especialmente no campo da pós-graduação. Esse estudo não só contribui para a compreensão do contexto da Argentina, mas também oferece uma reflexão sobre a abordagem das questões trans de maneira interseccional, algo que vem sendo adotado no Brasil e demais países da América Latina. A colaboração em redes de pesquisa no sul global pode ser fundamental para intensificar o combate à violência e à discriminação racial e de gênero nas diferentes nações e sistemas educacionais. Esta prática favorece uma troca de saberes que permite avançar com maior facilidade na transformação das IES em espaços cada vez mais plurais, críticos e contra-hegemônicos.

Referências

BENEVIDES, Bruna. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. Brasília: ANTRA, 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DELLACASA, María. Legislación y acciones afirmativas para la población trans: Un balance a diez años de la Ley de Identidad de Género en Argentina. **PAPELES del Centro de Investigaciones de la Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales de la UNL**, Santa Fe, v. 17, n. 27, 2023.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIL, Antônio. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe Editora, 2020.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature**. Nova York: Routledge, 1991.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS. **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2022: Síntesis de resultados**. Buenos Aires: INDEC, 2025.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OLIVEIRA, André. **"A educação é uma catapulta para a liberdade"**: acesso e permanência de homens trans em instituições de ensino superior. 2020. 143 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

PEIXE, Alexandre; MORELLI, Fábio. “Homens do futuro”: o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe. In: GREEN, James N. (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrasexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul. **Un apartamento en Urano**: *Crónicas del cruce*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2019.

16

ⁱ **João Sol Ávila Mendonça**, <https://orcid.org/0009-0006-9316-5630>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN) e graduado em Pedagogia pela UFRN. Bolsista do Programa Abdias Nascimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contribuição de autoria: pesquisa e redação do manuscrito original.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2486720260193631>

E-mail: joaosolmenavi@gmail.com

ⁱⁱ **Avelino Aldo de Lima Neto**, <https://orcid.org/0000-0003-4810-8742>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Doutor em Ciências da Educação pela Université Paul Valéry e pela UFRN. Professor de Filosofia do IFRN e dos Programas de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN) e em Educação (PPGE/UFRN). Líder do Observatório da Diversidade (IFRN/CNPq). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Contribuição de autoria: administração do projeto e redação – revisão e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3231870235953025>

E-mail: ave.neto@hotmail.com

ⁱⁱⁱ **Azemar dos Santos Soares Júnior**, <https://orcid.org/0000-0003-0015-415X>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC) da UFRN e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRN) e em Ensino de História (ProfHistória/UFRN). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Contribuição de autoria: supervisão e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5548182860228173>

E-mail: azemar.soares@ufrn.br

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Scarlett O'hara Costa Carvalho e Limária Araújo Mouta.

Como citar este artigo (ABNT):

Rev. Pemo, Fortaleza, v. 7, e15357, 2025
DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v7.e15357>
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo>
ISSN: 2675-519X



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

MENDONÇA, João Sol Ávila.; LIMA NETO, Avelino Aldo de.; SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. Pessoas trans na Pós-Graduação argentina: discussões iniciais para um estado do conhecimento. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e15357, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/15357>